

“CAPTURAR POKEMON É FÁCIL. A GENTE PRECISA É CAPTURAR BANDIDO”¹: A ONDA CONSERVADORA E SEU PROTAGONISMO NAS ELEIÇÕES 2016

Camila Mont'Alverne

Universidade Federal do Paraná

✉ camilapessoa31@gmail.com

Isabele B. Mitozo

Universidade Federal do Paraná

✉ ibmitozo@gmail.com

Resumo: O cenário político brasileiro tem refletido uma tendência que parece mundial: o ressurgimento público de pautas conservadoras. Diante disso, o presente ensaio visa discutir brevemente essa questão em relação ao campo político, no Brasil, mais especificamente sua influência no cenário eleitoral de 2016. Assim, observam-se as ações adotadas pelos pré-candidatos com esse perfil à prefeitura de algumas capitais brasileiras. O que se apresenta são grandes chances de vitória dessa ala mais extrema, devido ao investimento midiático em uma cultura do medo, dando foco a soluções simples para problemas complexos ligados à questão da segurança pública.

Palavras-chave: Conservadorismo; Eleições 2016; Segurança pública.

Abstract: The Brazilian political scene has presented a tendency probably spread in the world nowadays: the public (re)appearance of conservative issues. Having paid attention to that question, this essay aims to discuss briefly how it is been reflected on the political field, in Brazil, more specifically its influence on the electoral campaigns in 2016. Thus, one might observe the actions some conservative pre-candidates to Brazilian City Councils are adopting to their campaigns. What we can see is that those candidates have a huge chance to win, due to the investment on a “culture of fear”, focusing on simple solutions to complex problems linked to public security.

Keywords: Conservatism; 2016 Elections in Brazil; Public security.

Nos últimos anos, o mundo tem presenciado grandes conquistas dos movimentos sociais que lutam pelas causas das minorias: LGBTT, negros, moradores de favelas, entre outros. Essa parece ter sido uma ação que inflamou os ânimos das direitas conservadoras, o que pode ser visto pelo crescimento das campanhas de Donald Trump, nos Estados Unidos, da Frente Nacional, na França,

¹ Essa sentença foi postada por um dos pré-candidatos à prefeitura de Fortaleza (CE), em seu perfil na rede Facebook, no dia 04/08/2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/capwagnersousa/photos/a.339286069500608.77514.338601016235780/1077175629044978/?type=3&theater>>. Acesso em: 06/08/2016.

e a vitória do *Brexit*², na Reino Unido. Os direitos das minorias, outrora conquistados, voltam à baila, então, frequentemente em tom de questionamento aos chamados “privilégios” que aquela parcela da população disporia.

Após muitas décadas, esse cenário vem se reconstruindo também no Brasil, tendo em vista as eleições de 2014 terem culminado com a formação da Câmara dos Deputados com o perfil mais conservador desde o golpe militar, em 1964³. Codato, Bolognesi e Roeder (2015, p. 16), todavia, argumentam que a nova direita que estaria surgindo no país mantém algumas semelhanças com a velha-direita, herdeira de partidos como ARENA e PDS, mas difere em alguns pontos fundamentais. “A nova direita brasileira está orientada para conviver com governos de esquerda, fazendo parte de suas coalizões de apoio, e admitir, pragmaticamente, a existência de programas sociais”.

Se o peso eleitoral da população mais pobre não permite ao candidato – para que seja viável eleitoralmente – negar a manutenção de programas sociais, outras questões ganham importância. Em âmbito local, a estratégia parece ser utilizar-se de um dos problemas considerados mais graves pelo brasileiro⁴ – e com o qual o cidadão lida cotidianamente, especialmente nas grandes cidades: a segurança pública. A bandeira que se agita é a das soluções fáceis, representada pelo lema “Bandido bom é bandido morto” – e não é de hoje que parcela considerável sociedade encara o abuso dos direitos de condenados ou acusados de crimes de maneira natural⁵.

Desse modo, com um discurso inflamado, preconceituoso e repleto de soluções simples para problemas complexos, essa ala conservadora vem ganhando a simpatia de muitos eleitores – e os candidatos que adotam abertamente tal postura têm apresentado grandes chances de vitória nas eleições locais que se aproximam.

² A campanha para a saída do Reino Unido da União Europeia.

³ Conforme dados do DIAP. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/3843910/nova-composicao-do-congresso-e-mais-conservadora-desde-1964>>. Acesso em: 06/08/2016.

⁴ Embora não seja a principal preocupação dos brasileiros, a violência figura entre os cinco maiores, de acordo com pesquisa do Datafolha. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1712475-pela-1-vez-corrupcao-e-vista-como-maior-problema-do-pais.shtml>. Acesso em 7 ago. 2016.

⁵ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1690176-metade-do-pais-acha-que-bandido-bom-e-bandido-morto-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em 8 ago. 2016.

Não é um fenômeno recente a existência de candidaturas focadas na pauta da segurança pública, algumas de cunho quase caricato. A diferença pode ser que estas candidaturas, com algumas exceções, costumavam limitar-se a nichos, pois o eleitor médio as encarava de maneira desconfiada, preferindo optar por candidatos mais moderados. Este é um “problema” que se apresenta tanto para candidaturas de extrema direita quanto de extrema esquerda, inclusive.

Nas eleições de 2016, haverá a chance de testar se candidaturas mais conservadoras serão eleitoralmente viáveis. Se já provaram sua força no Legislativo, espaço no qual ganharam bastante espaço (CODATO, BOLOGNESI, ROEDER, 2015), as candidaturas de direita para o Executivo terão sua prova de fogo ao tentar convencer a maioria da população de uma cidade a aderirem a elas.

Um dos problemas que se desenha com esse tipo de pauta de campanha é a construção de promessas que fogem ao escopo das funções do cargo: os prefeitos ressaltam a questão da segurança pública, mas isso está a cargo dos governos estaduais, que coordenam as polícias civil e militar. Os eleitores, contudo, apoiam o discurso, sobretudo quando ele vem de um candidato ligado ao setor militar.

No último dia 04/08, por exemplo, um pré-candidato à prefeitura de Fortaleza, Capitão Wagner (PR), policial militar que investe na discussão do combate à violência como ferramenta de atuação política e eleitoral, postou em seu perfil na rede Facebook a sentença que intitula este texto: “Capturar pokemon é fácil. A gente precisa é capturar bandido”. A declaração recebeu muitos apoios, dentre eles comentários que reforçam de maneira extrema a visão do pleiteante.

“[...] enquanto não aparece um governo que faça isso, vamos deixar eles soltos e ficar de blá blá de vítima da sociedade?”

“Poke-BALA, vai... kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk Gostei da ideia, pra limpar a cidade!!!”

“É mesmo, capturar. Mandar direto para o inferno...”

Ainda sobre o caso de Fortaleza, o atual prefeito, concorrendo à reeleição, formou chapa com um tradicional candidato à prefeitura da cidade – e que sempre apresenta a segurança pública como principal pauta. Roberto Cláudio (PDT) tem como candidato a vice Moroni Torgan (DEM), o que deve agregar um conteúdo mais conservador a sua campanha. A estratégia, além de angariar maior tempo de televisão e aumentar a coligação, parece ser de mostrar-se capaz de lidar com um dos maiores problemas da cidade⁶, trazendo alguém que se diz capacitado e experiente, pois Moroni já foi Secretário de Segurança Pública do Estado do Ceará. A medida aparenta, também, ser uma resposta à candidatura de Capitão Wagner.

Em São Paulo, Celso Russomano, deputado federal e pré-candidato à prefeitura, apresentou como uma de suas propostas a formação de “barreiras de fiscalização para se chegar à Cracolândia”⁷. O fato de o isolamento dessa região não ser visto pelo deputado como cerceamento do direito de ir e vir do cidadão, e a falta de consideração da formação de uma cracolândia em outro ponto da cidade após essa medida, reforça o quão simplistas são as soluções apresentadas para problemas sérios. Isso muito possivelmente torna o discurso fácil de ser reproduzido e de se aderir, pela ausência da necessidade de reflexão sobre a raiz dos problemas.

Desse modo, não se pode afastar dessa discussão o teor populista com que esse tipo de pauta vem sendo tratada. Há um descrédito cada vez maior da população em relação ao campo político (GASTIL, 2000; LESTON-BANDEIRA, THOMPSON, 2015), e isso também serve de combustível por parte dos conservadores para a criação de mitos e discursos de ódio, como aquele adotado pela campanha do Brexit, no Reino Unido, que defendeu, essencial e quase exclusivamente, a bandeira de que “muita diversidade cria problemas sociais”⁸ (CHWALISZ, 2015). No caso brasileiro, podemos comparar esse mito com a cultura

⁶ Fortaleza está entre as cidades mais violentas do Brasil, de acordo com o ranking da ONG “Seguridad, Justicia y Paz”. Disponível em < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/01/fortaleza-aparece-como-cidade-mais-violenta-do-brasil-e-12-do-mundo.html>>. Acesso em 07/08/2016.

⁷ Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,em-entrevista-celso-russomano-propoe-isolar-a-cracolandia,1000066392>>. Acesso em 07/08/2016.

⁸ No caso mencionado, o discurso se referia aos imigrantes, mas, no Brasil, aproxima-se muito do discurso dos “cidadãos de bem”, que consideram os menos favorecidos “os outros” e, conseqüentemente, causa de todos os problemas sociais (especialmente, a violência).

do medo, que marginaliza cada vez mais os habitantes de regiões menos privilegiadas das cidades.

Outra complicação que se desenha em candidaturas focadas em soluções “milagrosas” é a existência de um real plano de governo. Em muitos casos, o foco em propostas vagas – às vezes, mirabolantes – disfarça a ausência de diretrizes sólidas para governar a cidade – tornando o quadro ainda mais preocupante, à medida que não se sabe o que os possíveis eleitos realmente irão por em prática.

Assim, embora nem todas as pautas tradicionalmente associadas à direita sejam palatáveis ao eleitorado brasileiro, percebe-se que há espaço para o crescimento de algumas delas. O desgaste do Partido dos Trabalhadores, um representante tradicional de pautas da esquerda, também pode ter contribuído com este cenário. Em alguma medida, portanto, o surgimento de candidaturas mais conservadoras pode ser uma estratégia eleitoral para ir ao encontro de anseios da parte da população, que pode ter ficado sem representantes com os quais se identificava por um período considerável de tempo.

A existência de posições diversas, inclusive conservadoras, no espectro político não é um problema em si, até porque é próprio da dinâmica democrática. O que se torna preocupante é o questionamento de direitos adquiridos por segmentos vulneráveis e a defesa de discursos de ódio, por exemplo. Logo, um grande desafio para os conservadores brasileiros do século XXI que pretendam (no mínimo) aparentar ser modernos, já que no Brasil ainda há um receio quanto à extrema-direita especialmente pelo contexto não tão longínquo da ditadura, é justamente o de afastarem-se de posições obscuras como aquelas que frequentemente são trazidas a público. Assumir uma posição conservadora no espectro político é legítimo. Isto se torna problemático quando ela vem acompanhada de discursos preconceituosos ou que colocam em xeque a própria natureza da democracia.

Referências

OPINIÃO
CAMILA MONT'ALVERNE E ISABELE MITOZO
“CAPTURAR POKEMON É FÁCIL. A GENTE PRECISA É CAPTURAR BANDIDO”¹: A ONDA
CONSERVADORA E SEU PROTAGONISMO NAS ELEIÇÕES 2016

CHWALITSZ, C. *The populist signal: Why politics and Democracy need to change*. London: Policy Network, 2015.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Organizadores). *Direita, Volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 115-144.

GASTIL, J. *By popular demand: Revitalizing Representative Democracy Through Deliberative Elections*. University of California Press: California, 2000.

LESTON-BANDEIRA, C.; THOMPSON, L. Truly Engaging Citizens with the Parliamentary Process? An Evaluation of Public Reading Stage in the House of Commons. *20th Workshop of Parliamentary Scholars and Parliamentarians*, Wroxton College, 25-26 July 2015.